



AS ESCOLAS DE SAMBA, O CARNAVAL E A EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO OS PROJETOS APROXIMAM ESSES LUGARES

Matilde Maria de Magalhães Arena Corrêa

Renata Sieiro Fernandes

Centro Universitário Salesiano Unisal de São Paulo – Unisal- mestrado@am.unisal.br

RESUMO: A escola de samba como uma instituição não formal poderia contribuir com o trabalho por projetos na educação infantil, que embora fazendo parte da educação formal, não deve ser escolarizante. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo, baseado numa pesquisa de campo e em depoimentos de histórias orais dos componentes de uma escola de samba de Campinas – São Paulo. Este trabalho possibilitou um encontro entre a escola de samba e a educação infantil através dos projetos de trabalho, valorizando a arte, as linguagens da música, dança, permitindo uma nova forma de olhar para o conhecimento, como um “caleidoscópio” e esta aproximação possibilitou também, um novo olhar sobre a importância da escola de samba enquanto instituição educativa nacional e que pode trazer contribuições ao currículo de educação infantil.

Palavras-chave: escola de samba, educação infantil, projetos de trabalho.

Neste presente artigo, é feita uma relação entre a escola de samba e a educação infantil, focando o papel do carnavalesco que tem muita convergência com o papel do educador infantil. Além disso, será visto, que o processo de pesquisa e preparação do enredo e do desfile tem muito a ver com o processo de construção de um projeto de trabalho desenvolvido na educação infantil.

O carnaval existe como uma manifestação cultural baseada no arcabouço ou no repertório simbólico de determinados grupos; e é estudado por muitos autores como Bakhtin, da Matta, Simson, entre outros (GORDO, 2015).

O termo escola de samba surgiu devido a escola de samba Deixa Falar, no Rio de Janeiro, que localizava-se próximo à escola Normal, que funcionava no Estácio, sendo chamado de professores os compositores famosos (CABRAL, 2011).

Mas, embora a escola de samba use o nome de escola – que se remete ao campo da educação formal – é uma manifestação cultural e artística que se localiza no campo da educação não formal.

A educação não formal, segundo Gordo (2015), chegou ao Brasil na década de 90, principalmente com programas de alfabetização de jovens e adultos, com características de



organizações coletivas e não governamentais, fora dos espaços escolares, com intencionalidade, mas fora da normatividade estabelecida pelo MEC (Ministério da Educação).

A escola de samba, de acordo com Gordo (2015), apresenta saberes, que a sociedade desconhece, saberes que não se aprendem muitas vezes, numa escola formal. Nela ocorre

um trabalho de formação política e cidadã muito profícuo, as teias sociais e culturais tecidas nesses espaços fortalecem as relações familiares, de amizade, de solidariedade, de cooperação e de comunidade, que são imperativos para uma vida social saudável, interativa e produtiva”. (GOHN apud GORDO, 2015, p. 17).

Aprender a tocar um instrumento, dançar, representar, cantar, compor, desenhar, costurar, transformar, criar, sonhar, se relacionar, se entregar para viver e aprender, assim como relacionar todo esse aprendizado com os conteúdos escolares, são processos vivos na escola de samba (GORDO, 2015).

Há muito tempo, a história da educação escolar foi marcada pela predominância de Pedagogias Tradicionais (GORDO, 2015). A prática metodológica por projetos é uma prática educativa mais flexível, permitindo a autonomia do educando e, assim como nas escolas de samba, permite um encontro dos conteúdos curriculares às realidades de vida do sujeito.

A metodologia por projetos não é tão recente e mostra ao longo da história que teve influência de Dewey, filósofo norte-americano, em 1968, e por volta dos anos 30, no Brasil na abordagem da Escola Nova, um movimento educacional que fez críticas à escola tradicional, às concepções de criança, de aprendizagem e de ensino (BARBOSA; HORN, 2008).

O trabalho com projetos na Educação Infantil é uma proposta que não a vê como escolarizante ou preparatória para o ensino fundamental, mas vê a criança no aqui-agora, no tempo real e presente com suas especificidades; num devir ao invés de um porvir.

Abramowicz (2015), explica bem o que seria esta infância num devir. Segundo a autora, a infância está ligada ao acontecimento, à criação. Um tempo que não se submete ao imposto pelo poder e pelo capital. Os projetos de trabalho propiciam à criança estar presente, criar, se expressar, ser.

Visando estabelecer um diálogo entre a escola de samba enquanto instituição não formal e a educação infantil como instituição não escolar, foi realizada na escola de samba Rosa de Prata de Campinas uma pesquisa de campo, usando como técnica de construção de dados a entrevista



semiaberta, visando através dela obter relatos das Histórias Oraís da direção e do carnavalesco, conhecer melhor a realidade desta comunidade, assim como o processo de preparação para o Carnaval (CAREGNATO; MUTTI, 2006) a fim de estabelecer paralelos com a metodologia de trabalho por projetos, constante dos documentos oficiais para a Educação Infantil.

De acordo com Gonsalves (2001 apud PIANA, 2009), na pesquisa de campo, o pesquisador busca informações diretamente com a população pesquisada, através de um encontro mais direto, onde ocorre o fenômeno e com o objetivo de reunir informações a serem documentadas.

Nesta pesquisa viu-se que o “laboratório” do projeto do carnavalesco que atua no espaço da escola de samba tem amparo na ideia de “obra total”, que engloba dança, canto, música, teatro, artes plásticas e visuais, sendo essas suas linguagens artísticas expressivas e comunicativas.

O papel do carnavalesco assemelha-se muito ao papel do que deveria ser o educador de educação infantil. Ambos têm que estudar sempre, pesquisar, ter muita criatividade. Um reconhecido carnavalesco do Brasil, Joãozinho Trinta, representava bem as funções de sua profissão, pois: “ele brada sua liderança profética e estética firmada no compromisso de ofertar a capacidade de fazer o público evadir à plenitude da beleza, sendo esta incompatível com qualquer mazela ou desarmonia.”(FARIAS, 2012).

Hernández e Ventura (1998) falam da necessidade de o educador ser flexível e reflexivo no seu trabalho educativo e docente, de modo a contemplar desejos, necessidades e interesses das crianças.

O trabalho do carnavalesco é um fazer humano, portanto, não deve abrir mão ao desenvolvê-lo, da intenção, livre-arbítrio, decisão e raciocínio (FARIAS, 2012).

Machado (2004), entende que as intenções em educação infantil são pontos de partida de uma determinada instituição, ou seja, como seu grupo de profissionais concebe a noção de criança, a função da educação infantil, os papéis que devem desempenhar, assim como as famílias e a comunidade envolvidas. Um projeto pedagógico para a infância, deve:

pautar-se não só em um programa de disciplinas específicas, mas também nas intenções que se evidenciam em ações e interações de crianças e adultos, pais e profissionais de educação infantil, os quais, por sua vez, traduzirão o reconhecimento de que a criança é – desde que nasce e desde que é bebê-capaz de agir e interagir, de produzir cultura e de ser sujeito de direitos (MACHADO, 2004, p. 8)



Então, vê-se que tanto o carnavalesco quanto o educador infantil devem ter intenções claras ao desenvolverem seus trabalhos.

O ofício do professor surgiu na Antiguidade e o ofício de carnavalesco surgiu por volta de 1960, ou seja, na contemporaneidade. O carnavalesco atua com o objetivo de diferenciar os desfiles das escolas de samba, devendo ter a competência em aliar, com base em um suporte literário temático e dramatúrgico, a materialização do ideal de beleza com o interesse em produzir efeitos num público utilizando-se de imagens geradas com recursos plástico-visuais (FARIAS, 2012). Ele ajuda a criar o espetáculo festivo, lúdico e brincante.

O ofício de carnavalesco acaba por ter que lidar com grupos e espaços sociais ambíguos em termos de condições desiguais econômicas e difíceis de conciliar pela diversidade sociocultural envolvida, especialmente se pensarmos na relação entre centro e periferia, sendo esta muito caracterizada pela presença da violência, tráfico, jogo do bicho. Assim, o carnavalesco se acomoda, ajusta-se, procura saídas para suas condutas artísticas, em meio às interações em que participa. É um papel que precisa reelaborar saberes, memórias, aprendizados e linguagens para atuar no evento social e comunitário (FARIAS, 2012).

O papel do educador infantil, neste sentido, acaba sendo convergente ao do carnavalesco, o primeiro também lida o tempo todo com crianças diferentes, vindas de realidades diferentes, e tem como objetivo proporcionar aprendizagem e formação das crianças, nem que para isso, precise continuamente se adaptar, se ajustar, a estas diferenças, procurando saídas para lidar com elas, também, reelaborando saberes, aprendizados, linguagens. Todo trabalho que envolva educação, arte e cultura não pode prescindir de lidar com a realidade cotidiana e suas complexidades e contradições.

Segundo Fernandes e Park (2010), a imagem do professor assemelha-se a do profeta, tendo inclusive, a mesma raiz etimológica. Pode-se também relacionar a imagem do professor, carnavalesco e profeta, quando recolhem fragmentos, quando lidam com situações plurais, caóticas, diversidades, visando uma tentativa de ordenação, unicidade, aparência de equilíbrio ante uma realidade que as autoras chamam de babélica, referindo-se ao mito da Torre de Babel.

Voltando, ao papel específico do carnavalesco, vê-se que este aprimorou-se no Brasil com a vinda da corte portuguesa e a mudança da capital para o Rio de Janeiro. Com a criação da Escola de



Belas Artes e o Teatro Municipal, e o surgimento do papel do carnavalesco, este almejava muito ter acesso a essa arte erudita, modernista (FARIAS, 2013).

Nesse trabalho, a cultura popular e seus saberes e festas são a base para a recriação do carnavalesco.

Se a aquisição de um "bom-gosto" seria, então, decorrente do retorno às fórmulas simples encontradas na própria realidade e memória populares, o resgate do folclórico comparece, não em seu dado rústico, mas reelaborado pela mão intencionada do especialista, na tarefa de distribuição da proporção das formas e das cores e, ainda, na combinação de materiais segundo uma programação visual e cênica (FARIAS, 2013, p. 3).

Assim como o carnavalesco, o educador infantil deve observar nos primeiros dias na escola, a realidade de suas crianças, seus interesses, os materiais que dispõe, para escolher um tema a ser desenvolvido num projeto, assim tem que ir fazendo uma “criação mental” antecipando (sob a forma de rascunho e esboço) o processo e desenvolvimento do projeto, ou seja, uma antecipação frente ao empírico, sempre valorizando o lúdico, o divertimento, como o carnavalesco, a arte de forma geral, recriando a cultura popular e aproximando a cultura dita erudita.

Apesar de toda onda modernista no Brasil, que aconteceu na primeira metade do século XX, e que se iniciou em 1922, com a Semana de Arte Moderna, nas artes, muitos artistas plásticos tomaram às mãos uma “brasilidade” contestadora da arte acadêmica. Assim, muitos artistas nacionais, como os carnavalescos, incentivaram o povo a narrar seus próprios heróis e episódios encobertos, a temática dos negros, que, nesta fase, surge com grande força, inclusive, nos enredos dos carnavais (FARIAS, 2013).

Essa foi uma das maneiras encontradas de fugir de uma arte “alienada”, deslocada da realidade cotidiana e sem o impulso para a mobilização popular, era preciso conciliar artistas e classes populares, modernizar, mas não tornar as massas alienadas.

Fazendo-se um paralelo, o educador infantil, também deve ter conhecimento das produções da chamada cultura erudita, principalmente, em relação às artes, mas também, conhecer as produções e saberes populares, fruto da mestiçagem com negros e indígenas e europeus, sempre considerando a realidade das crianças e a cultura dos povos, pois existem diretrizes municipais que falam da importância de ser trabalhada na Educação Infantil a diversidade cultural, valorizando as minorias e os saberes à margem ou marginalizados, fora do centro, deslocados:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Hoje o currículo não se pode abster de considerar objetivamente questões: locais, regionais, étnicos raciais, diferenças sociais, de gênero, laicidade da educação pública, sustentabilidade, idades, consumismo e deficiências de crianças e adultos, que envolvem outras políticas sociais e públicas que permeiam as políticas educacionais; junto a essas se busca, neste processo, firmar coletivamente as Diretrizes Curriculares Nacionais (CAMARGO; GODOY, 2013, p. 17).

Outra função do carnavalesco seria a de potencializar a escola de samba como uma instituição de expressão e comunicação. Da mesma forma, a instituição de educação infantil opera com esses objetivos pelo papel do educador infantil.

Há muitas conexões entre os modos de pensar e fazer desses dois profissionais: carnavalesco e educador ao colocarem em prática processos de construção de conhecimentos por meio da cultura e da educação.

Ao se entrevistar o carnavalesco da Escola Rosa de Prata, de Campinas, é possível perceber que, em relação a escolha do tema, seja para o enredo de uma escola de samba, ou para o projeto de trabalho, existem algumas peculiaridades.

Segundo o carnavalesco, na escola de samba há o tema “comercial e o natural”, sendo aquele dependente das demandas advindas do patrocinador, e este quando se quer falar sobre algo sem patrocínio, como contar histórias de determinadas entidades, de coisas que acontecem no cotidiano, sob a vontade da comunidade. Existem temas de alerta, como os que incentivam o uso de preservativos. Tanto os temas naturais, como os comerciais são escolhidos primordialmente pela diretoria da escola de samba, em uma reunião precedente.

Por sua vez, na educação infantil os temas podem surgir das necessidades, interesses e curiosidades das crianças, pois em seu currículo há apenas diretrizes, mas não temas ou currículo predeterminados. Seriam equivalentes aos temas naturais na escola de samba.

O tema de uma escola de samba, também, pode surgir para aproveitar materiais, por exemplo, a escola ganhou um carro alegórico de um pierrô gigante, então, escolhe-se um tema que dê para aproveitar alguma alegoria, fantasia, já que os recursos financeiros são limitados. Na educação infantil, também é possível fazer o aproveitamento de coisas, objetos anteriormente usados, bem como se valer de trabalhos desenvolvidos e que se articulam aos trabalhos a serem postos em prática, criando elos de ligação e significação.



Isto também pode ser relacionado ao objeto deflagrador que pode ser o desencadeador ou o ponto de partida para o desenvolvimento de temas de projetos na educação infantil e na educação não formal, aqui, o papel do educador assemelha-se ao do carnavalesco, que busca em seu ateliê os objetos que sobraram de carnavais anteriores, objetos e carros alegóricos ganhados e começa a intuir caminhos, conhecimentos, como um ponto de partida, que abre a muitas possibilidades, assim, professores e carnavalesco vão preenchendo esses objetos com muitos significados: “e, aos poucos, o objeto sai da dimensão cotidiana de seus usos no dia a dia e ganha o status de objeto artístico” (FERNANDES; ROMAGUERA, 2015, p. 48).

Os componentes da escola de samba não escolhem o tema, mas podem se informar com o carnavalesco sobre sua fantasia, sobre o que ela significa, podem se informar também com o seu coordenador de ala sobre o que está representando, significando.

Segundo as autoras Barbosa e Horn (2008), a escolha do tema para um projeto ser desenvolvido na escola, pode ser feita pelo educador, pais ou pela comunidade, pode surgir de experiências anteriores das crianças, podem ser continuidade de outros projetos ou partir das interrogações das crianças sobre algo.

O tema na educação infantil pode se repetir com outras abordagens, pode ser continuidade de um projeto do ano anterior, ou de um projeto já desenvolvido por outras turmas, outras escolas. Por sua vez, nas escolas de samba há a preocupação em não repetir os temas, cada ano é um tema diferente para o enredo. Na educação infantil, mesmo que o tema se repita, sempre acontecerá de forma diferenciada, já que os grupos não são os mesmos.

O processo de pesquisa do carnavalesco é muito semelhante ao que faz o educador de educação infantil, a única diferença, é que este último não a faz sozinho, mas com as crianças, e outros envolvidos, sendo este um grande objetivo. De acordo com Fernandes e Romaguera (2015) é fundamental nos projetos de trabalho, sujeitos socialmente cooperativos, coparticipes, capazes de planejarem e tomarem decisões em grupo.

Por se tratarem de crianças pequenas e, muitas vezes, ainda não alfabetizadas, ao desenvolverem um projeto em turma podem buscar informações na comunidade, com seus pais, familiares e ajudantes da família sobre determinado assunto.

De acordo com a entrevista do carnavalesco, este, após ter em mãos o tema, pode consultar especialistas no assunto, entidades relacionadas ao tema, preocupando-se com a construção de uma



sinopse que não use palavras que não se encaixam ao enredo, que não tenham a ver com ele, assuntos muito conflitantes. Ele faz um trabalho de campo, realiza entrevistas, depois transforma num texto, que é a sinopse. Esta sinopse é entregue a diretoria que a aprova, depois aos compositores para ser feito o samba-enredo, articulando as linguagens. O tema é chamado de enredo, o que estiver nele tem que aparecer na avenida através do samba-enredo, fantasias, carros alegóricos, adereços, coreografias.

Enquanto vai sendo eleito o samba-enredo, o carnavalesco vai rascunhando os *croquis*, ou seja, os desenhos das fantasias que ajudam a construir a dimensão lúdica e imaginária do enredo.

Na educação infantil, por sua vez, após a coleta de informações seja através de conversas, entrevistas com informantes, através da ida à biblioteca, leituras de livros, observações, explorações de materiais, através de pesquisas online vindas do professor, ou da comunidade, ou da contribuição de outras pessoas da instituição, é a hora de pensar na sistematização dessas informações. Essa documentação pode ser através de desenhos, textos coletivos, montagem de painéis, registros plásticos (BARBOSA; HORN, 2008).

O registro é parte da memória e da história do trabalho e das aprendizagens dos grupos, pois “os materiais produzidos podem formar a memória pedagógica do trabalho e ser uma fonte de consultas para outras crianças. O registro propicia a construção social da escrita e valoriza uma das dimensões do uso social da língua” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 60).

Durante este processo, duas coisas assemelham-se ao trabalho por projetos em educação infantil: a importância do desenho, como forma de visibilizar o pensamento para o carnavalesco e para a criança pequena, ou seja, a criança fala e se expressa através do desenho, assim, o educador já vai levantando os conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto a ser trabalhado a partir de indícios de fala, gestos e de grafia das crianças.

Assim, segundo Gobbi e Faria (2004), desenhos fazem parte da inventividade das crianças, permitem olhar para elas, poetizar suas criações. Esta linguagem da criança, que está presente como forma de representação do mundo nos projetos de trabalho, assim como acontece na escola de samba, não deve se restringir a técnicas, mas possibilitar aos sujeitos expressividade que deixem fluir as percepções dos sentidos: cheiro, gosto, tato, permitindo construir pensamento e conhecimento, gerando culturas.



Outro ponto de convergência é a importância da música em educação infantil, assim como o samba-enredo exprime a narrativa que descreve e argumenta sobre o que foi pesquisado e sintetizado na sinopse pelo carnavalesco, o educador infantil pode trabalhar determinado projeto de trabalho com músicas que falem a respeito do tema e, pode também compor como produto final de um projeto, uma música que retrate o que as crianças aprenderam, de modo que esta linguagem expressiva e artística participe do processo ou do produto final de algum trabalho, pois entende-se que é uma linguagem a ser desenvolvida na infância.

Todo o processo do carnavalesco deve ser registrado numa apostila. Nela, passa-se o tema, a formação da escola, o samba-enredo, a sinopse, os desenhos das fantasias. Na educação infantil, também, deve-se ter uma preocupação com a organização e registro dos projetos, tanto para constar no Projeto Pedagógico da Escola, como para fim de organização do processo de conhecimento. Os registros podem ser através de diferentes tipos de linguagem: escrita, pictórica, fotográfica, vídeo gráfica, entre outros (FERNANDES; GARCIA, 2006).

O portfólio é um instrumento muito importante, muito pessoal tanto do grupo na educação infantil, como para o carnavalesco, através de sua apostila, pois representam um lugar do processo, que pode ser retomado, um lugar de memórias, de lembranças e esquecimentos, um lugar de histórias subjetivas, particulares, com uma lógica temporal, espacial muito específica deles, e que permite a organização de ideias e uma reflexão (FERNANDES; ROMAGUERA, 2015).

Na educação infantil, após, a escolha do tema, feita em conjunto com as crianças, este também pode ser escolhido após uma atividade disparadora, como a leitura de um livro, quando existe a necessidade de se trabalhar um tema da atualidade como, por exemplo, dengue. Aliás, temas atuais, que estão na mídia de forma geral, são também muito valorizados pelas escolas de samba, pelo público e pelos jurados.

Em relação ao processo de pesquisa, o da educação infantil é um pouco diferente do carnavalesco. Baseando-se em Hernández e Ventura (1998) as crianças fazem perguntas sobre determinado tema, que são índices.

Além dos índices retratarem seus conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto, são maneiras de organizar a informação, pois mesmo não sabendo ler ou escrever, o educador vai lendo sempre as questões delas e, juntos vão respondendo o que já pesquisaram, como uma forma de não se perderem na pesquisa, facilitando as estratégias de busca do conhecimento e a avaliação do educador do que aprenderam com o projeto.



Existem o Primeiro Índice (perguntas das crianças), o Segundo Índice, que é o ponto de partida para o trabalho do grupo e um Terceiro Índice, que é a recapitulação do trabalho realizado, que pode ser um texto coletivo sobre o que aprenderam sobre o projeto (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 78). Este Índice final seria a sinopse do carnavalesco, mas para este é aí que começa seu trabalho, e na educação infantil é ele que finaliza o projeto.

Segundo o carnavalesco, na escola de samba a sinopse se refletirá nas alas, nas coreografias. Na educação infantil, por sua vez, também deve trabalhar a linguagem da dança que permite a liberação do corpo, a sua autonomia, expressão e, até o desenvolvimento de outras habilidades na criança.

A educação infantil também visa uma educação comprometida com a liberdade, o social e a ética. Freire (1967) celebrou a educação como prática da liberdade, onde existam ao invés de professor e aluno, “círculos de cultura”, diálogos. Portanto, o educador ao fazer um projeto de trabalho deve dialogar com as crianças do início ao fim.

A escola de samba valoriza muito sua comunidade, a tradição, a importância da participação de idosos e suas experiências, a importância das crianças, mesmo não ganhando pontos, são valorizadas, para formarem uma história da escola, por isso, recebem atendimento especial (SIMSON, 2007).

O parágrafo anterior traz um ponto convergente entre escola de samba e projetos de trabalho na educação infantil: toda a comunidade deve participar, sem os profissionais responsáveis por cada setor da escola de samba a escola não funciona e, muito menos, sem seus componentes. Assim, com os projetos, devem-se envolver: crianças, pais, gestão, outras turmas. Essa é a globalização do conhecimento a que se referem Hernández; Ventura (1998).

Uma questão muito convergente entre a escola de samba e a educação infantil pela via dos projetos de trabalho refere-se ao processo de construção do conhecimento, ao processo de pesquisa e relacionamento entre os conhecimentos. Assim, as crianças também devem ser incentivadas desde cedo a terem contato com diferentes fontes de informação, mas aprenderem que não existem verdades absolutas e que o conhecimento não é estanque, mas relacional, transdisciplinar.

Hernandez e Ventura (1998) entendem que a forma de o conhecimento acontecer é sob a forma do caleidoscópio. Para eles, “... tratou-se de ir substituindo o acúmulo linear de informação



pela busca de inter-relações entre diferentes fontes e problemas que pretendem conectar-se em espiral em torno de estruturas de conhecimento” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 38).

O trabalho na escola de samba pode ser relacionado ao termo caleidoscópio, utilizado nos projetos de trabalho (HERNÁNDEZ; VENTURA 1998; FERNANDES; PARK, 2010), em que ao se pesquisar um assunto com relação ao enredo, é como se o carnavalesco parasse um caleidoscópio, olhasse para aquilo no momento, para este determinado assunto com toda sua complexidade, como se neste momento desse uma licença ou estendesse seu braço para dar espaço para que este assunto seja destacado, mas sem sair do todo que é o tema do enredo.

Marjorie Perloff, (2010 apud A.P.N.; et al., [s.d.]), conceitua o termo licença poética: ela pode ocorrer em artistas que aspiram por liberdades de expressão. Na educação infantil, através de um projeto de trabalho podem surgir muitos outros assuntos diante de um tema. Por exemplo: ao se estudar o palhaço, pode se ir ao Charles Chaplin, ao nazismo, a arte da mímica etc, mas sempre voltando ao tema que é o Palhaço. É como se o caleidoscópio parasse num assunto novo, desse uma licença poética, como definiu o carnavalesco, para este assunto aparecer, mas ser relacionado sempre como um todo e assim, o conhecimento se amplia, se relaciona e adquire sentido.

Enfim, há muitas convergências entre o trabalho desenvolvido na escola de samba e o trabalho por projetos na educação infantil, ambos reúnem vários tipos de linguagem: dança, música, artes; ambos visam envolver e valorizar o coletivo; ambos requerem planejamento, organização, registros; ambos valorizam a pesquisa, mesmo que para fins diferentes (escola de samba, desfilar, ganhar o desfile; crianças na educação infantil, aprender tendo inúmeros significados: autonomia, reflexão, criticidade, liberdade, conhecimento de si, do outro, de mundo, conhecimento do belo-estético). Ambas estão sob o tripé arte, educação e cultura seja na avenida do samba, ou na “avenida” da vida, em cenas temporárias, iluminadas ou cenas registradas para sempre na memória. Por isso, considera-se importante conhecer mais a fundo o trabalho nas escolas de samba e terem mais pesquisas sobre essas convergências para que se atinjam os objetivos de um novo olhar sobre a educação infantil não escolar, e que necessita, assim como uma escola de samba, desenvolver a arte do criar, do respeitar o outro, do pesquisar, relacionar conhecimentos, de forma lúdica e esteticamente bela.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A. A Criança, a infância e a Sociologia da Infância. In: [s.l.] Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 316.
- A.P.N., M. et al. Licença poética e a justificativa de diferentes autores. [s.d.].
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. DA G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.
- CABRAL, S. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. 1. ed. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2011.
- CAMARGO, M. B. DE C.; GODOY, H. L. DE. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a educação infantil: um processo contínuo de reflexão e ação: Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico**, 2013.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679–684, dez. 2006.
- FARIAS, E. Personalidade artística nos negócios mundanos: a celebração do “gosto do povo” em Joãosinho Trinta. **Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 594–625, dez. 2012.
- FARIAS, E. S. A afirmação de uma situação sociocomunicativa: desfile de carnaval e tramas da cultura popular urbana carioca. **Caderno CRH**, v. 26, n. 67, p. 157–178, abr. 2013.
- FERNANDES, R. S.; GARCIA, V. A. Algumas orientações para navegantes e principiantes na navegação: relacionando a pedagogia de projetos com a educação não-formal. n. 8, 2006.
- FERNANDES, R. S.; PARK, M. Educação e Conhecimento: a Torre de Babel, o caleidoscópio, os jovens e o novo. v. 4, n. 2, 2010.
- FERNANDES, R. S.; ROMAGUERA, A. **Experimentações, leitura, projeto**. 1. ed. Americana, SP: Adonis, 2015.
- FREIRE, PAULO. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOBBI, M. A.; FARIA, A. L. G. DE. **Desenhos de outrora, desenhos de agora : os desenhos de crianças pequenas do acervo de Mario de Andrade**. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000321204>>. Acesso em: 23 mar. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GORDO, M. DO E. S. C. **O carnaval é o quintal do amanhã : saberes e práticas educativas na escola de samba Bole-Bole em Belém do Pará.** Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000948950&fd=y>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MACHADO, M. L. Por uma pedagogia na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, n. 5, p. 6–8, nov. 2004.

PIANA, M. C. A. **A construção do assistente social no cenário educacional (online).** São Paulo: UNESP, 2009.

SIMSON, O.R. DE M. VON. **Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano 1914-1988.** Campinas: Editora Unicamp, 2007.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O